



CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA IDEOLÓGICO-ENUNCIATIVA DE MIKHAIL BAKHTIN PARA A PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Aline Viégas - UFRJ
alineviegas26@terra.com.br

Carlos Frederico B. Loureiro - UFRJ
floureiro@openlink.com.br

Resumo

Compreendendo que o objeto de pesquisa em educação ambiental é socioambiental e, portanto, inclui o devir da natureza e das sociedades humanas nas suas múltiplas determinações, este ensaio tem o objetivo de buscar na teoria de Mikhail Bakhtin elementos teórico-metodológicos para a pesquisa em educação ambiental entendendo que a possibilidade de analisar este objeto de pesquisa sob a luz desta teoria é, com certeza, poder avançar na direção de uma compreensão mais complexa e dialética da realidade socioambiental.

Pode-se considerar que as discussões relativas à relação linguagem/educação ambiental, onde Bakhtin é um autor raramente citado, ainda não adquiriram a densidade necessária. Como Mikhail Bakhtin constrói uma teoria – a partir do marxismo – na qual a linguagem é mediação permanente na constituição do sujeito e das relações sociais, ela pode ser de grande valia para a pesquisa no campo da educação ambiental crítica.

Palavras-chave:

Linguagem – Dialética e complexidade – Educação ambiental crítica.

Abstract

With the understanding that the research object in environmental education is composed by environment and society and that, by extension, it includes the movement of nature and human societies in their multiple determinations, the goal of this essay is to search for theoretical-methodological elements in Mikhail Bakhtin's theory which could be applied to the research in the environmental education. The possibility of making an analysis of this research object in the light of this theory certainly means to be able to move in the direction of a more complex and dialectical understanding of the reality that includes nature and society.

It can be considered that the discussions about the language/environmental education relationship, where Bakhtin is a rarely quoted author, have not reached the necessary density yet. Mikhail Bakhtin builds a theory – based on Marxism – in which the constitution of the subject and of the social relations is constantly mediated by language. Therefore, it is undeniable that this theory can be of great value for the research in the field of critical environmental education.

Keywords: Language – Dialectics and complexity – Critical environmental education.

1. Introdução

A pesquisa no campo da educação ambiental necessita de uma abordagem teórico-metodológica capaz de unir elementos que foram disjuntos na construção do conhecimento que hoje vigora no mundo globalizado, conhecimento este que, entre tantas outras disjunções, operou uma cisão entre objeto e sujeito, natureza e cultura, razão e sentimento, fato e valor, matéria e espírito. Se pensarmos que, hoje, nossos pensamentos, ações e sentimentos estão impregnados por uma visão de mundo cartesiana e que a construção das ciências sociais e naturais se efetivou a partir deste paradigma, podemos perceber o quanto esta tarefa teórico-metodológica não será fácil. Porém, ao lado desta discussão dos paradigmas de construção de uma ciência moderna – que hoje leva a sociedade a grandes dicotomias como, por exemplo, são as dicotomias existentes nas relações seres humanos/natureza – efetua-se um resgate do pensamento dialético como capaz de nos levar à compreensão de algumas das múltiplas determinações que constituem a realidade em seu tempo/contexto histórico. Dentro desta tradição, muitos autores têm resgatado este pensamento desde a época clássica até a modernidade, apontado o seu vigor diante dos problemas da atualidade.

É neste contexto que a pesquisa no campo da linguagem começa a penetrar na educação ambiental crítica: o da necessidade de compreendermos as relações entre natureza/sociedade/cultura, sendo esta relação mediada pela linguagem. Loureiro (2006) explicita bem este contexto de pesquisa:

(...) na dialética nem o 'mundo social' define diretamente o 'mundo interior' e nem ao contrário; essas dimensões são vinculadas pela atividade metabólica da natureza, à qual se vincula a linguagem que, por sua vez, na atividade histórico-social, passa a ser necessidade e condição para o indivíduo e a sociedade, pois é por esta/nesta que compartilhamos e criamos representações, conceitos, técnicas, significações, sentidos, enfim, cultura. A individualidade não se explica por si mesma, mas nas relações que definem as totalidades. Isolar um fato ou sujeito é privá-lo de sentido e conteúdo. (op.cit., p.75, grifos do autor)

A fim de que este desafio possa ser enfrentado, dentro de uma perspectiva dialética de compreensão de mundo, cabe ressaltar que não seria 'qualquer'¹ perspectiva de linguagem satisfatória o suficiente para dar conta deste imenso desafio teórico-metodológico.

a. Qual perspectiva de linguagem?

Nos últimos anos, o campo de pesquisa da linguagem tem tido grande espaço na área da educação e adentrado, de uma forma interdisciplinar, em diferentes linhas da pesquisa educacional. Isto se dá, principalmente, por uma reviravolta nos aspectos teórico-metodológicos da linguagem, saindo de uma perspectiva puramente estruturalista para avançar sobre a idéia de uma linguagem que está em relação permanente e recíproca com a constituição do sujeito e das relações sociais.

¹ Esta palavra foi colocada entre aspas, pois ela tem aqui um significado não de menosprezo, mas sim de especificidade que uma teoria deve ter para atender ao desafio teórico-metodológico apontado.

Nesta perspectiva, os desenvolvimentos da linguagem humana, da subjetividade e das relações sociais estão intimamente ligados (sendo impossível compreender a complexidade destes desenvolvimentos isoladamente) e movidos pela roldana da necessidade²; necessidade esta que move o homem ao trabalho, modificando-o e transformando suas condições materiais de vida. Silvestri & Blanck (1993) comentam como esta perspectiva teórica busca a origem da linguagem humana na tentativa de explicitar esta complexa relação:

Nascido em el proceso de la lucha obstinada del hombre contra la naturaleza, lucha en la que el hombre estaba armado solo com manos fuertes e instrumentos de piedra toscamente afilados, el lenguaje recorrió el mesmo largo proceso de desarrollo que la cultura material económico-técnica. (...). Por lo tanto, los primerisimos elementos del lenguaje fónico humano, así como tambien los del arte, eram elementos de um proceso de trabajo, estaban ligados a las necesidades económicas y representaban el resultado de la organización productiva de la sociedad. (op.cit.,pp. 222, 223 e 224)

Somente com esta breve citação podemos perceber o quanto esta perspectiva da linguagem pode trazer novos elementos teórico-metodológicos para a compreensão da problemática socioambiental, quando esta é concebida como uma realidade tecida através da ação humana cotidiana nos espaços social, econômico, natural e, portanto, imbricada nas questões da ideologia, da cultura e da ética. Para tal precisamos compreender a linguagem como material ideológico e estudá-la na realidade cotidiana como participante dos processos permanentes de construção de novas realidades, novos discursos e novas ações.

É dentro desta perspectiva da linguagem que a teoria ideológico-enunciativa de Mikail Bakhtin se insere e nela podemos encontrar alguns elementos conceituais para uma compreensão mais complexa da realidade socioambiental, trazendo para dentro desta análise – a partir do viés da materialidade da linguagem – alguns aspectos históricos, culturais e sociais.

b. Qual perspectiva de educação ambiental?

É muito comum que as pessoas enxerguem o campo de pesquisa da educação ambiental como monolítico e de vanguarda. Mas, aqueles que adentram um pouco mais nas leituras teóricas deste campo podem perceber perspectivas mais conservadoras (no sentido de manter o *status quo* de uma sociedade economicamente/ambientalmente insustentável) e perspectivas mais críticas (que compreendem os aspectos histórico-sociais desta crise ambiental entendendo-a como uma crise civilizatória e tentam desvelar as grandes contradições inerentes a esta sociedade capitalista insustentável).

É a partir desta segunda perspectiva que este ensaio crítico é tecido, acreditando que a teoria bakhtiniana possa dar grandes contribuições para a compreensão das múltiplas relações que permeiam a construção da realidade socioambiental.

Loureiro (2004a) esclarece bem esta perspectiva teórica da educação ambiental:

² Segundo Franco (1993, p.14) “toda atividade laboral surge como resposta a necessidades que impelem o ser humano a agir a criar, a inovar, a dar respostas ou soluções aos problemas”. Foi pensando neste sentido da palavra *necessidade* que ela foi citada neste texto como a imagem figurada de uma roldana.

A educação ambiental emancipatória e transformadora³ parte da compreensão de que o quadro de crise em que vivemos não permite soluções compatibilistas entre ambientalismo e capitalismo ou alternativas moralistas que descolam o comportamental do histórico-cultural e do modo como a sociedade está estruturada. (LOUREIRO, 2004a, p. 94)

Para avançarmos em soluções possíveis diante da crise ambiental em que vivemos necessitamos saber compreender as múltiplas determinações existentes entre sociedade/natureza/cultura e entender que estas múltiplas determinações sempre estarão mediadas pela linguagem como atividade humana (que mantém e cria novas realidades/novas linguagens/novas realidades...). Neste sentido, este ensaio buscará tecer algumas reflexões que corroborem o quanto a perspectiva bakhtiniana de linguagem pode auxiliar à pesquisa em educação ambiental crítica no desvelamento de uma visão mais ampliada da realidade socioambiental.

c. Uma tentativa de ampliar os horizontes de compreensão

Na perspectiva de uma educação ambiental que se afirma como uma práxis social, muitas são as necessidades teórico-metodológicas que se apresentam. Uma delas, segundo Loureiro (*ibidem*, pp.90 a 94) é de que esta perspectiva necessita perceber as relações existentes entre educação, sociedade, trabalho e natureza como um processo global, com implicações societárias e, para tanto, inserida em um contexto histórico. Segundo este autor, perspectivas diferenciadas de mundo marcam o discurso e a prática em torno de finalidades bem distintas e estas distinções/contradições precisam ser compreendidas, explicitadas e não-camufladas: “No discurso falacioso e harmônico feito em nome da ‘salvação planetária’, cria-se a ilusão de que todos os que fazem Educação Ambiental estão dentro de uma mesma orientação e visão de mundo.” (*ibidem*, p.140, grifos do autor).

Portanto é de suma importância que tentemos compreender os problemas ambientais como sendo mediados por aspectos naturais, econômicos, políticos simbólicos e ideológicos, sem expurgar desta análise o tempo histórico e o contexto social. A teoria ideológico-enunciativa de Mikhail Bakhtin tem um arcabouço teórico-metodológico capaz de auxiliar no avanço deste tipo de compreensão, enfatizado pela a força de um método crítico e dialético onde a linguagem é materialidade e é trabalho humano⁴. O caminho a seguir neste ensaio para a compreensão das relações entre linguagem e a questão socioambiental é o caminho do pensamento de Bakhtin (1992) quando defende a importância do método dialético marxista se debruçar sobre a filosofia da linguagem no sentido de uma compreensão profunda e complexa da realidade:

(...) os problemas da filosofia da linguagem situam-se no ponto de convergência de uma série de domínios essenciais para a concepção marxista do mundo (...). Na maioria dos setores mais importantes de

³ Apesar de considerar as nuances existentes no campo da educação ambiental crítica, emancipatória e transformadora, Loureiro (2004b, pp.67-70) assume a posição teórico-metodológica pela vertente do materialismo histórico dialético de Marx, incluindo aí seus desdobramentos teóricos historicamente construídos dentro desta tradição.

⁴ No sentido já explicitado anteriormente neste texto, onde esta vai sempre mediar o metabolismo entre homem e natureza, sendo condição universal deste metabolismo.

seu desenvolvimento científico, o método marxista vai diretamente de encontro a esses problemas e não pode avançar de maneira eficaz sem submetê-los a um exame específico e encontrar-lhes uma solução. (...). A única maneira de fazer com que o método sociológico marxista dê conta de todas as profundidades e de todas as sutilezas das estruturas ideológicas “imanescentes” consiste em partir da filosofia da linguagem concebida como filosofia do signo ideológico. E essa base de partida deve ser traçada e elaborada pelo próprio marxismo. (BAKHTIN, 1992, pp. 26, 31 e 38, aspas e grifos do autor.)

2. Alguns conceitos bakhtinianos

No caminho da filosofia da linguagem como “filosofia do signo ideológico” (*loc.cit.*), Bakhtin toma para si a tarefa de construir categorias marxistas para uma visão mais complexa de mundo, onde a filosofia da linguagem esteja inserida nesta construção teórica. Neste sentido, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (BAKHTIN, 1992) o autor constrói a tese de que a palavra é “signo ideológico” e como tal assume algumas características; a palavra é um fragmento material da realidade, refletindo e refratando esta realidade em transformação. Segundo Bakhtin:

*Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção e consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade que lhe é exterior. Tudo o que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo o que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia. (*ibidem*, p. 31, grifos do autor).*

Bakhtin se localiza em uma linha teórica que aponta para as relações existentes entre linguagem e consciência; por isso, sua teoria traz, no bojo, uma concepção ímpar de linguagem. Idéia de uma linguagem que não se encerra em sua forma; idéia de uma linguagem que se constrói permanentemente pelos atores sociais imersos em um mundo e em uma cultura; idéia de uma linguagem que é capaz de ser um reflexo do real, ao mesmo tempo em que é capaz de transbordar este real, sendo, desta forma, um material que possibilita um misto entre ‘o manter’ e ‘o criar’ a própria realidade. Portanto, em sua teoria, Bakhtin rompe com a idéia de ‘materialismo X idealismo’ ao situar a palavra como material ideológico; para ele, a palavra é matéria e idéias ao mesmo tempo. Desta forma, usando a palavra como eixo central de sua teoria, Bakhtin, não só vincula consciência (idéias) e linguagem (material), como também as insere em um movimento dialético e constitutivo; movimento, este, imerso em um contexto histórico-social. Konder (1990, p.1) esclarece que: “A teoria da linguagem defendida por Bakhtin (no livro assinado por Volochinov⁵) representa uma enérgica historicização da linguagem, um vigoroso enraizamento da linguagem na existência histórica e social dos homens.”

⁵ Aqui cabe esclarecer este comentário de Konder. O livro citado por Konder é *Marxismo e Filosofia da Linguagem* que nas suas duas primeiras edições (Leningrado, 1929-1930) foi publicado com a autoria de V. N. Volichínov, mas foi na verdade escrito por Bakhtin (1895-1975). Ver a esse respeito Bakhtin, 1992, prefácio.

Para Bakhtin, linguagem e pensamento estão associados permanentemente ao processo de compreensão do mundo, pois esta compreensão é uma construção social efetivada através das relações entre os indivíduos sociais (imersos em uma cultura) e mediadas pela linguagem. Sendo assim, é importante compreender o papel dos diferentes grupos sociais na produção de linguagem e, conseqüentemente, na formação de consciências. Para Bakhtin, a palavra (enquanto signo) é capaz de registrar mudanças mínimas na sociedade.

A partir destas idéias Bakhtin postula que, através de uma análise do discurso (ou seja, dos enunciados produzidos nas interações discursivas), é possível conhecer a construção permanente da relação seres humanos/mundo, ou seja, é possível conhecer a construção permanente da visão de mundo dos diversos grupos sociais. Esta análise discursiva só é possível porque a palavra está imersa na situação de enunciação e é, aí, neste contexto histórico e social da enunciação, que língua e vida se interpenetram. A palavra é um signo e está relacionada a um contexto de enunciação. Sendo assim, Bakhtin (1992, p.66) nos ensina que “a palavra revela-se, no momento de sua expressão, como produto de interação viva das forças sociais.”

Este contexto histórico-social banha a palavra e revela-se através dela. Na verdade, a palavra só funda a sua existência dentro do campo do sentido, ou seja, só ganha significado, quando imersa na enunciação (quando inserida num contexto da enunciação). “A compreensão de cada signo, (...), efetua-se em ligação estreita com a situação em que ele toma forma. (...) o signo e a situação social em que se insere estão indissolúvelmente ligados” (*ibidem*, p.62). Desta forma, na teoria bakhtiniana, a palavra não se apresenta somente na sua forma ou em sua estruturação dentro de uma organização formal de uma oração, ela se apresenta sim, compondo enunciados, já que sua expressão e sua compreensão são indissociadas de um contexto histórico e social. Para Bakhtin (*ibidem*, p.103), a “concretização da palavra só é possível com a inclusão dessa palavra no contexto histórico real de sua realização primitiva.”

A partir desta perspectiva da linguagem, Bakhtin desenvolve vários elementos conceituais de sua teoria; elementos estes que podem ser usados como referenciais teórico-metodológicos em pesquisas no campo da educação ambiental que tentem revelar aspectos desta problemática incluindo cultura/grupos sociais/linguagem. A partir deste momento, serão apontados alguns destes elementos conceituais a fim de que, na próxima seção, sejam estabelecidas algumas relações entre estes e a pesquisa no campo da educação ambiental crítica.

Segundo Bakhtin (1997), o enunciado é a unidade da comunicação verbal e cada enunciado é um elo de uma corrente de comunicação verbal. Esta corrente de comunicação verbal é ininterrupta e os enunciados são os produtos das interações verbais desta corrente. Portanto, o enunciado expressa uma natureza diferente daquela que se entende como uma organização de palavras e orações, ele expressa uma natureza relativa ao interior do próprio enunciado enquanto um todo, natureza esta que o caracteriza enquanto unidade da comunicação verbal, tornando-o único, irreproduzível e histórico.

Bakhtin (*op.cit.*, p.307) esclarece esta idéia quando nos ensina que: “na realidade, uma informação(...) se dirige a alguém, é provocada por algo, persegue uma finalidade qualquer, ou seja, é um elo real na cadeia da comunicação verbal, no interior de uma dada esfera da realidade humana ou da vida cotidiana.” Sendo assim, a oração, ou a palavra, ou o gesto que utilizamos na comunicação verbal, só é um objeto de sentido, quando é um enunciado, ou seja, quando pertence a uma determinada situação

de enunciação onde vários elementos estão envolvidos: o auditório (para quem se fala), a intenção de quem fala (o falante), o motivo da fala, as falas anteriores, as possíveis respostas de quem ouve, e, tudo isto, imerso, embebido por uma determinada situação histórica e social. Portanto, na teoria bakhtiniana, o objeto de estudo, de análise de um discurso produzido nesta corrente de comunicação verbal é o enunciado enquanto um todo.

Bakhtin (1997, p.279) avança sua análise sobre a relação entre construção de enunciados/grupos sociais apontando que as comunidades falantes vão criando “tipos relativamente estáveis de enunciados” – que são construídos em cada “esfera de utilização da língua”. Estes tipos estáveis de enunciados são os “gêneros discursivos” que vão dando conta da realidade para cada uma das esferas sociais de utilização da língua.

Para falar, utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso, em outras palavras, todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo. Possuímos um rico repertório dos gêneros do discurso orais (e escritos). Na prática, usamo-los com segurança e destreza, mas podemos ignorar totalmente a sua existência teórica. (ibidem, p.301)

O conceito de gêneros discursivos, na teoria bakhtiniana tem uma importância relevante: ele introduz a dimensão histórica e social no conceito de texto. Todo texto pertence a um determinado gênero discursivo, ou seja, a uma determinada esfera social de utilização da língua em um determinado tempo histórico. Sendo assim, as possibilidades e variedades de gêneros discursivos são infinitas, na mesma proporção em que são infinitas as diferenciações sociais e culturais, pois os gêneros carregam consigo as marcas e as contingências das diferentes esferas sociais da atividade humana. Bakhtin (*ibidem*, p.279) postula que o todo do enunciado “reflete as condições específicas e as finalidades (...) duma ou doutra esfera da atividade humana.”

Este conjunto de gêneros é sempre aberto, sempre mutante: conforme as sociedades vão mudando, estes gêneros podem ser abandonados e substituídos por outros gêneros. É interessante perceber que um gênero discursivo, pertencente a uma determinada esfera social, evolui ao longo da história. Ao mesmo tempo, em um determinado tempo histórico, diferentes gêneros vivem em tensão, pois estão em disputa de um sentido para os signos (já que o signo é um espaço aberto para um número infinito de significados).

Sendo a palavra um signo, a estabilidade que as palavras vão ganhando, ou seja, a significação estável que estas palavras vão tendo nas diferentes esferas sociais, ocorre devido à existência do conteúdo temático que compõe o todo do enunciado. O tema é que circunscreve a situação histórica do texto discursivo, e é quem delimita as amarras históricas e sociais de um determinado gênero discursivo.

O tema da enunciação⁶ é concreto, tão concreto como o instante histórico ao qual ela pertence. Somente a enunciação tomada em toda

⁶ Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (BAKHTIN,1992), o autor utiliza o termo enunciação como sinônimo de enunciado. Já em *Estética da Criação Verbal* (BAKHTIN, 1997), ele deixa claro que o enunciado é o produto de uma enunciação (a situação de enunciação).

a sua amplitude concreta, como fenômeno histórico, possui um tema.
(BAKHTIN, 1992, p.129)

Cada enunciado, como um todo, tem um sentido definido. Esta característica se apresenta no enunciado, pois este está imerso em uma situação histórica que deu origem a este enunciado. Sendo assim, cada enunciado, em sua composição, carrega um tema (um sentido definido da enunciação completa). O tema tem um valor enorme na teoria bakhtiniana, pois é ele que circunscreve o enunciado em amarras históricas e sociais, tornando-o único, individual e irreproduzível.

Porém, para alcançarmos o tema de um enunciado, temos que investigar a “significação contextual de uma dada palavra nas condições de uma enunciação concreta” (*ibidem*, p.131), ou seja, o seu significado na situação de enunciação. Para Bakhtin, o significado é passível de análise e o tema, não. O tema só pode ser apreendido e não analisado, pois ele é único e histórico. É o tema que dará o tom ao significado (ou seja, dará a significação contextual da palavra que compõe aquele enunciado) ou, dito de outro modo, é o tema que estabelece um sentido à palavra.

Sendo assim, analisando-se a palavra (enquanto enunciado) pode-se chegar ao tema. Se a palavra que foi utilizada na construção de um enunciado (e que tem a sua significação em uma determinada língua) está imersa em um contexto de enunciação, ela carrega as forças temáticas que compõem o seu sentido único (que a caracterizam como um enunciado individual e não reproduzível).

Para entendermos como o sentido de um enunciado se constrói, é importante que compreendamos as inter-relações existentes entre o tema a significação. Por ser um signo, a palavra está aberta a várias possibilidades de interpretação e de compreensão, pois existem vários temas disputando um significado para este signo; temas estes, que lhe darão um sentido. Esta disputa de significados para a palavra, só acontece devido a uma união entre os interlocutores desta palavra, união esta que se estabelece por uma atitude ativa e responsiva destes interlocutores. Segundo Bakhtin (*ibidem*, p.132), a compreensão de um enunciado (delimitando-o como um objeto de sentido) é um ato dialógico; “compreender é opor à palavra do locutor uma *contrapalavra*”:

Qualquer tipo genuíno de compreensão deve ser ‘ativo’, deve conter já o germe de uma resposta. Só a compreensão ativa nos permite apreender o tema(...). Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão.
(*ibidem*, p.131 e 132)

A significação contextual que a palavra tem em uma determinada situação de enunciação, só pertence a esta palavra e só lhe atribui um sentido quando esta palavra (enquanto produto de uma enunciação, ou seja, enquanto um enunciado) está inserida entre dois ou mais interlocutores que estabelecem um processo de compreensão ativa e responsiva. E é, neste ato de compreensão ativa e responsiva entre os interlocutores, que podemos apreender o tema, já que, parafraseando Bakhtin, é este que ilumina, deixa

transparecer o significado desta palavra na situação de enunciação, dá-lhe um sentido. “Só a corrente da comunicação verbal fornece à palavra a luz da sua significação” (BAKHTIN, 1992, p.132). Portanto, a palavra só é um objeto de sentido quando imersa na corrente de comunicação verbal, corrente esta que delimita uma significação contextual à palavra, ou seja, a caracteriza com um enunciado que ‘carrega’ um tema.

Como já foi comentado anteriormente, a compreensão do enunciado pelo ouvinte é acompanhada de uma “atitude responsiva ativa” (*idem*, 1997, p.290). A atitude responsiva do ouvinte o torna locutor dentro da cadeia de comunicação verbal, e assim sucessivamente, situando os interlocutores dentro do discurso do outro - o ouvinte concorda, discorda, ou seja, assume uma postura apreciativa diante do enunciado do locutor.

Portanto, toda palavra (enquanto enunciado) possui também um “acento apreciativo” (*idem*, 1992, p.132) que é determinado pela situação social da enunciação, ou seja, toda palavra contém ao mesmo tempo um sentido (que lhe é proporcionado pelo tema) e uma apreciação. A análise do acento apreciativo pode nos auxiliar a entender se uma significação contextual da palavra “entrou no horizonte dos interlocutores - tanto no horizonte imediato como no horizonte social mais amplo de um grupo social” (*ibidem*, p.135), ou seja, permite-nos entender se a palavra foi compreendida, se adquiriu um sentido, se terá uma atitude responsiva do ouvinte. “É justamente para compreender a evolução histórica do tema e das significações que o compõem que é indispensável levar em conta a apreciação social” (*loc.cit.*)

Segundo Bakhtin considerar a apreciação social dada aos enunciados na cadeia da comunicação verbal é fundamental para compreendermos a evolução histórica do tema e, conseqüentemente, dos gêneros do discurso. Segundo o autor, à medida que se modifica o contexto de existência do ser humano, se modifica, também, a compreensão sobre aquilo que é necessário à sua vida. Esta mudança da forma como os seres humanos enxergam o mundo ocasiona uma mudança no “horizonte apreciativo” da sociedade e, esta mudança em relação aos aspectos que têm um valor em uma determinada sociedade, se torna “objeto da fala e da emoção humana.” (*ibidem*, p.136)

Bakhtin nos ensina que:

O resultado é uma luta incessante dos acentos em cada área da semântica e da existência. Não há nada na composição do sentido que possa colocar-se acima da evolução, que seja independente do alargamento dialético do horizonte social. (loc.cit.)

Na medida em que a sociedade se modifica, novas forças temáticas vão surgindo e disputando um sentido para os enunciados. Neste momento, a significação contextual da palavra é absorvida por esta luta temática e reflete suas contradições vivas. Sendo assim, a palavra (enquanto enunciado) pode ganhar uma nova significação, significação esta que pode estabilizar-se. Como os gêneros do discurso são, em última instância, a estabilidade que as palavras vão ganhando nos diversos contextos de utilização da língua, podemos entender a importância do acento apreciativo na evolução histórica das forças temáticas e, conseqüentemente, na construção dos gêneros discursivos.

3. Algumas contribuições da teoria bakhtiniana para a pesquisa no campo da educação ambiental crítica

Nesta seção será tecida uma breve relação entre alguns dos conceitos bakhtinianos e a possibilidade de uma compreensão mais complexa e dialética da realidade socioambiental.

(...) a complexidade ecológica se refere ao sentido de que a vida, em suas manifestações, se constitui por dimensões interconectadas, definidas mutuamente nas relações estabelecidas (...). Nesta perspectiva a realização da natureza humana é aquilo que nos distingue como seres naturais das demais espécies: produzimos nossa história e os meios de vida, numa ação que pressupõe a capacidade de definir objetivos com consciência e o uso da cultura, da linguagem e da cooperação. (LOUREIRO, 2004:119)

Pensando na citação acima e considerando que segundo estudos bakhtinianos “a consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais” (BAKHTIN, 1992, p.35), podemos afirmar que a mudança na visão de mundo da sociedade capitalista globalizada, tão preconizada pela educação ambiental, deve ser acompanhada por uma mudança nos discursos sobre as questões ambientais. Mas, não podemos localizar no discurso ou na mudança de visão de mundo a causa primeira dos problemas ambientais enfrentados pelas sociedades contemporâneas, mas sim, compreender esta problemática através de análises do movimento constitutivo existente entre linguagem/ consciência individual e social/ cultura/ história.

Esta análise complexa e dialética é possível, pois na perspectiva da teoria bakhtiniana:

A palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. (ibidem, p.41, grifos do autor)

Desta forma, podemos considerar que análises dos enunciados de diferentes grupos sociais – nos seus contextos primitivos de enunciação – possibilitam a identificação da existência de novos sistemas ideológicos com diferentes visões de mundo; sistemas estes que possam estar despontando ou que já circulem nos diferentes grupos sociais, sem contudo terem um horizonte de aceitação social mais amplo.

Outro foco bastante profícuo da teoria bakhtiniana dentro do campo de pesquisa da educação ambiental crítica está na aplicação da categoria de gêneros do discurso. Segundo Bakhtin (*ibidem*, p.43) “cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica” que são construídos em cada esfera da utilização da língua refletindo e refratando determinadas visões de mundo (carregando determinadas forças temáticas). Dentro desta perspectiva teórica, dissolve-se a idéia de que qualquer discurso sobre a questão ambiental é neutro de intenções políticas, já que os diferentes grupos sociais criam diferentes enunciados sobre esta problemática, enunciados estes que expressam intenções e visões de mundo e entram

em disputa no campo discursivo da apreciação social – onde alguns se estabilizam e passam a fazer parte de um corpo ideológico-enunciativo da sociedade e outros não têm sequer um índice de apreciação social.

Ainda dentro do eixo teórico bakhtiniano dos gêneros do discurso e da apreciação social, devemos enfatizar a seguinte fala de Bakhtin (1992):

Para que o objeto, pertencente a qualquer esfera da realidade, entre no horizonte social do grupo e desencadeie uma reação semiótico ideológica, é indispensável que ele esteja ligado às condições sócio-econômicas essenciais do referido grupo, que concerne de alguma maneira às bases de sua existência material. Evidentemente, o arbítrio individual não poderia desempenhar aqui papel algum, já que o signo se cria entre indivíduos, no meio social; é portanto indispensável que o objeto adquira uma significação interindividual; somente então é que ele poderá ocasionar a formação de um signo. Em outras palavras, não pode entrar no domínio da ideologia, tomar forma e aí deitar raízes senão aquilo que adquiriu um valor social. (op.cit., p.45, grifos do autor.)

Nesta perspectiva teórica, os diferentes discursos – que se estabilizam nos diversos grupos sociais que constroem enunciados sobre a problemática ambiental – entram em disputa no campo do sentido, tendo maior ou menor apreciação social e estabilização de seus enunciados de acordo com as condições sócio-econômicas historicamente situadas. Quando esta reflexão é carregada para o campo de uma visão de mundo capitalista globalizada torna-se possível uma maior compreensão sobre como os discursos ambientais se estabilizam nesta esfera social e o quanto discursos de grupos sociais minoritários não conseguem fincar raízes neste horizonte de uma visão capitalista de mundo. Ao mesmo tempo, fica claro o quanto os gêneros de discurso que carregam diferentes visões de mundo podem trazer o embrião de uma apreciação social no campo dos discursos ambientais, enfrentando esta luta de sentido no campo discursivo-ideológico. Este aspecto ambíguo e contraditório da palavra como signo ideológico no campo de disputa de sentido e sua relação com a luta de classes é comentado por Bakhtin (*ibidem*, p.46, grifos do autor): “Consequentemente em todo signo ideológico confrontam-se índices de valor contraditórios. O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes. Esta pluralência social do signo ideológico é um traço da maior importância.”

Considero de suma importância que a pesquisa em educação ambiental se debruce sobre este tipo de análise, a partir da teoria bakhtiniana. Muitas questões já levantadas por teóricos da educação ambiental poderão ser melhor compreendidas a partir deste tipo de estudo. Loureiro (2004a) aponta que:

Consideramos a demarcação de distintos “campos ambientais em disputa” relevante e urgente (...) levando-nos a estudar e pesquisar cada vez mais, com rigor e capacidade crítica.(...) Não é admissível (...) ainda verificarmos que o discurso hegemônico cria uma homogeneização simplista e ideológica do que é feito e proclamado como ambiental. (...) E o mais grave: tal discurso e posicionamento no pensar e no agir ambientalista são aceitos sem uma discussão sistemática, sem que as discordâncias sejam explicitadas e os diferentes projetos de sociedade sejam confrontados, propiciando

4. Considerações finais

A partir destas questões levantadas pela educação ambiental crítica e da reflexão sobre alguns conceitos bakhtinianos presentes neste texto, fica claro o quanto esta teoria pode dar grandes contribuições à pesquisa no campo da educação ambiental já que seus aspectos teórico-metodológicos contêm conceitos de grande relevância para um aprofundamento compreensivo das questões socioambientais e dos conflitos de interesses encontrados em seu interior. Também é possível observar o quanto esta teoria pode elucidar questões que envolvem o papel da linguagem na construção de novas visões de mundo e no surgimento de novas forças temáticas que nos possibilitem construir novos gêneros discursivos que dêem conta da questão ambiental colocada, hoje, diante da humanidade.

Dentro de um quadro de ‘uma dificuldade teórico-metodológica’⁷ na pesquisa em educação ambiental, podemos entrever a força da teoria bakhtiniana na compreensão de um objeto de pesquisa que inclui as dimensões naturais e sociais da existência, entendendo que a sociedade é parte da natureza e que com ela se relaciona, mas compreendendo que aquela é, também, qualitativamente distinta desta. É neste sentido e no sentido exposto no início deste texto, que a pesquisa no campo da educação ambiental crítica vem tentando dialogar com teorias que possibilitem o desvelamento das complexas relações existentes na realidade socioambiental.

Esta linha de pesquisa dentro da educação ambiental está aberta... precisamos adentrar nela com o pensamento crítico-reflexivo que ela exige.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.
_____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
FRANCO, M. C. Educação ambiental: uma questão ética. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 29, p. 11-19, 1993.
KONDER, L. Bakhtin - um marxista do carnaval e do riso. In: *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 9 de maio de 1990. Caderno Tribuna bis, p.1.
LOUREIRO, C. F. B. Educação Ambiental e Teorias Críticas. In: Guimarães, M. (org). *Caminhos da Educação Ambiental: da forma à ação*. Campinas, SP: Papyrus, 2006, p. 51- 86.

⁷ A dificuldade pela busca teórico-metodológica na pesquisa em Educação Ambiental vem sendo sentida pelos pesquisadores, conforme a pesquisa neste campo vem avançando. Muitos pesquisadores da área apontam esta problemática, condenando o que chamam de “miscelânea conceitual e teórica” (LOUREIRO, 2004a; NOVICK & VASCONCELOS, 2003, *apud* PIVA, 2005) que é extremamente negativa, dando a impressão de que na pesquisa em Educação Ambiental ‘tudo vale’. Contrariamente a esta idéia, a educação ambiental crítica vem denunciando este problema, principalmente através das produções de Loureiro (2006, 2004a, 2004b) e apontando o quanto a tradição crítica (através do método dialético) pode dar elementos para uma compreensão mais ampla da realidade a partir do desvelamento das múltiplas determinações que a constituem.

LOUREIRO, C. F. B. *Trajetórias e Fundamentos da Educação Ambiental*. São Paulo: Cortez, 2004a.

_____. Educação ambiental transformadora. . In, LAYARGRES, P. P. (coord.). *Identidades da Educação Ambiental no Brasil*. Brasília: MMA, 2004b, p. 65 – 84.

PIVA, A. *A apropriação do pensamento de Edgar Morin na pesquisa em educação ambiental no Brasil*. Belo Horizonte, Dissertação de Mestrado, Mestrado em Educação, Faculdade de Educação da UFMG, 2005.

SILVESTRI, A. & BLANCK, G. *Bajtín y Vigotski: la organización semiótica de la consciencia*. Barcelona: Anthropos, 1993, p. 217-243.